



# RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Patrícia Gonçalves Jorge<sup>1</sup>  
Carla Carvalho<sup>2</sup>

## RESUMO

A pesquisa investiga as relações entre pessoas em situação de rua e a literatura. Tem-se a pergunta de pesquisa: de que forma as pessoas em situação de rua se relacionam com a literatura e com livros literários? O objetivo geral é o de compreender os sentidos produzidos pelas pessoas em situação de rua que frequentam o Abrigo Municipal de Blumenau (AMBLU) na relação com a literatura. Já os objetivos específicos são o de i. refletir o papel e a importância da literatura na vida dos sujeitos; ii. caracterizar o AMBLU e o perfil dos usuários e iii. identificar os sentidos produzidos pelos usuários do AMBLU na relação com a literatura. Os autores que dão suporte à investigação qualitativa são Petit (2009), Fischer (1977), Vieira, Bezerra e Rosa (1992) e Marx (1978). Utilizou-se do estudo de caso, numa Praça de Leitura e da investigação-ação participativa no AMBLU. Na Praça, os dados foram gerados por meio de observações e questionários, indicando que o perfil dos frequentadores é diverso e que se relacionam positiva e negativamente com a Praça e seu acervo. No AMBLU, gerou-se os dados por meio de observações e entrevistas, revelando uma preferência por textos religiosos e que o trabalho se mostra presente nos discursos dos usuários, é importante elemento de sua identidade profissional, perdida na medida em que acumulam anos de rua. Percebeu-se a importância de se ampliar a experiência artístico-cultural desses sujeitos, para que a leitura literária se constitua numa potência transformadora.

**Palavras-chave:** Arte, Leitura Literária, Literatura, Pessoas em situação de rua.

## INTRODUÇÃO

O ser humano se volta à arte, consumindo-a ou produzindo-a, por diversas razões. Seja por meio da música, da literatura, do trabalho manual, da gestualidade, a arte parece algo universal à humanidade, e é esta relação que se busca compreender no contexto desta investigação.

Essa pesquisa acontece em dois momentos. Em um primeiro momento, a pesquisa<sup>3</sup> volta o olhar para a Praça de Leitura de Blumenau/SC, Praça que abriga livros em um acervo flutuante, que muda diariamente devido às intervenções de seus frequentadores. Por constatar que há pessoas em situação de rua interagindo com esse acervo, a pesquisa ali encerra sua primeira fase para focar no Abrigo Municipal de Blumenau, lar temporário de pessoas em

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Regional de Blumenau – SC, [pjorge@furb.br](mailto:pjorge@furb.br).

<sup>2</sup> Professora Orientadora, Doutora, Universidade Regional de Blumenau – SC, [carvalho@furb.br](mailto:carvalho@furb.br).

<sup>3</sup> Artigo vinculado a pesquisa de mestrado. Órgão de fomento: CAPES.

situação de rua, para investigar, especificamente, relações possíveis entre esse público e o literário.

A partir disso, delineou-se a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma as pessoas em situação de rua se relacionam com a literatura e com livros literários? O objetivo geral, portanto, é o de compreender os sentidos produzidos pelas pessoas em situação de rua que frequentam o Abrigo Municipal de Blumenau (AMBLU) na relação com a literatura. Já os objetivos específicos são o de i. refletir o papel e a importância da literatura na vida dos sujeitos; ii. caracterizar o AMBLU e o perfil dos usuários e iii. identificar os sentidos produzidos pelos usuários do AMBLU na relação com a literatura.

Esta pesquisa é qualitativa e parte dos estudos do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação vinculado à linha de Pesquisa Linguagens, Arte e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau. O Grupo de Pesquisa vem se dedicando a investigar processos de mediação cultural e educação estética em diversos contextos formais e não-formais de educação, buscando compreender sentidos elaborados pelas pessoas na relação com a arte nas suas mais diversas formas de manifestação.

Teoricamente o estudo busca em Vigotski (2003) o conceito de sublimação; em Petit (2009) as potências do literário em contextos de marginalização social; em Fischer (1977), a arte como forma de transformação e compreensão do social e, em Cechinel (2020), a natureza do confronto entre leitor e obra.

Inicia-se a discussão trazendo o conceito da sublimação, da psicologia. Liev Semionovich Vigotski, em *Psicologia Pedagógica* (2003), explica que a sublimação é o movimento de elaboração de questões irrealizadas, de frustrações, o que pode ocorrer por meio da arte:

[o] que permanece irrealizado em nossa vida deve ser sublimado. Para o que não se realizou na vida existem apenas duas saídas: a sublimação ou a neurose. Portanto, a arte representa, do ponto de vista psicológico, um mecanismo permanente, biologicamente necessário, de eliminação das excitações não-realizadas na vida e é uma acompanhante inevitável de toda existência humana [...] (VIGOTSKI, 2003, p. 232).

As palavras de Michèle Petit, em *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*, relacionam-se com este conceito:

[n]ão importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos. Para que pedaços inteiros do que vivemos não fique incrustados em zonas mortas do nosso ser. De outra forma, não temos condições de fazê-lo (PETIT, 2009, p. 115).

A literatura, nesse sentido, pode se tornar ferramenta de reflexão, um modo saudável de lidar com a adversidade, seja ela inerente à condição humana, seja ela imposta pelo meio.

Vigotski explica ainda que, uma das tarefas da educação estética é a de criar, no inconsciente do sujeito, hábitos para a sua sublimação. Para o autor, “[a] sublimação executa de formas socialmente úteis o que o sonho e a doença realizam de forma individual e patológica” (VIGOTSKI, 2003, p. 232). Dessa forma, todo ser humano possui questões irrealizadas, sendo a arte uma potente ferramenta de exteriorização saudável de aflições. Logo, tendo em vista as vivências, grosso modo, cruéis das pessoas em situação de rua, infere-se que o contato com a arte abre possibilidades, para esses sujeitos, de explorar e desenvolver novos modos de lidar com suas experiências de vida.

Entre outras coisas, para Vigotski (2003, p. 239) a educação estética engloba a incorporação do sujeito à experiência estética da humanidade. Também enfatiza a incorporação de reações estéticas na vida: “[a] beleza deve deixar de ser uma coisa rara e própria das festas para se transformar em uma exigência da vida cotidiana [...]”, de modo que o contato com obras de arte, favorece o movimento explicado pelo autor, que pode ser alcançado com o trabalho de um mediador.

Além de revoluções internas, à arte é associada a potência de transformação social, visto que, por meio dela, a realidade pode ser compreendida sob múltiplas perspectivas de maneira que, por vezes, a ciência não dá conta. Em *A Necessidade da Arte*, Ernst Fischer (1977, p. 57) elabora: “[a] arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade”. Nesse sentido, a arte pode ser uma aliada rumo a um mundo mais humano, na relação com o próprio mundo, com os outros e consigo mesmo.

Vigotski (2003, p. 234) também discute o papel cognoscitivo da arte: “[u]ma obra de arte vivenciada realmente pode ampliar nossa opinião sobre certo campo de fenômenos, obrigar-nos a observá-lo com novos olhos, generalizar e reunir fatos por vezes totalmente dispersos.”

Petit (2009), em suas investigações junto a pessoas em diferentes situações de marginalização, sejam derivadas da pobreza, sejam da guerra, ressalta o poder da literatura como um modo de compreender tais condições, ou mesmo aprender a lidar com as adversidades, ressaltando que nem sempre leituras que tocam, que geram reflexão são aquelas que discutem temas semelhantes aos vivenciados pelos leitores. Daí a importância de uma

seleção de textos variados, quando se tem por objetivo um encontro potente e transformador com a literatura.

Para André Cechinel, em sua obra, *Literatura, ensino e formação em tempos de Teoria*, uma das potências associadas ao literário é a promoção do encontro com o outro ou consigo mesmo, mas alerta não ser algo garantido. A literatura, quando potente, desestabiliza, põe em perigo, para que o sujeito possa, verdadeiramente, encontrar-se com o outro, abdicando de suas certezas, convicções, confortos. É preciso que se permita deixar mudar pelo outro, deixar-se desorganizar. É por isso que a literatura demanda disponibilidade, abertura, desprendimento. E é por isso ainda que se deve dar especial atenção à seleção das obras:

[o]ra, para ser de fato ameaçadora, para poder eventualmente retirar o leitor do lugar por ele ocupado quando do instante da recepção, a obra não pode originar-se diretamente das demandas desse leitor ou se limitar a satisfazê-las. [...] a seleção tem de desafiar o leitor e desarmar seus desejos de consumo iniciais (CECHINEL, 2020, p. 34).

Se o leitor se debruça sempre sobre as mesmas obras, não há a formação de um leitor crítico, mas de um consumidor (CECHINEL, 2020), o que acaba por ser um desafio no momento histórico atual, em que tudo é cooptado pelo mercado (PEIXOTO, 2003), inclusive a arte literária.

Além disso, faz-se pertinente o seguinte relato de Petit:

[e], algumas vezes, a criança vai dedicar-se a transformar o contexto material que a cerca, enfeitando-o como, os jovens em Petare, nos subúrbios de Caracas, que, depois de terem se envolvido com um grupo de leitura, puseram-se a limpar, pintar e transformar completamente a sala que lhes foi emprestada, ou essas mulheres [...] nesse mesmo país, que limpavam as ruas destruídas pelas enchentes depois que leram para as crianças livros ilustrados ou lendas (PETIT, 2009, p. 96).

A autora relaciona as intervenções positivas no espaço de leitores e mediadores de leitura ao conceito de **habitar**, trazido por Gaudin (1996), que remete ao pertencimento, ao conforto, ao reconhecimento, à aproximação:

[h]abitar é isso, dispor das coisas ao nosso redor. Diminuir a distância em relação à estranheza do que é exterior a nós. Tentar sair da confusão mental que provoca a incompreensão a incompreensibilidade inerente ao que está fora de nós (GAUDIN, 1996, p. 22 apud PETIT, 2009, p. 98).

Evidencia-se, portanto, a forte relação com o espaço físico, que se torna mais estreita na medida e que se cria um sentimento de pertencimento, de acolhimento, em que relações entre pessoas e entre arte e pessoas é criada.

Se a arte e a literatura se configuram em potências transformadoras na vida dos sujeitos, é também verdadeiro que, na sociedade marcada pelo capitalismo e pela desigualdade social, como a brasileira, nem todos têm acesso a tais bens culturais que promovem a constituição do ser humano. Ainda, é pela importância do contato com o literário que esta discussão se faz relevante no campo da educação.

A presente pesquisa lida com a educação não-formal, investigando meios em que a literatura, fora da escola, chega até as pessoas e as impacta a vida. Por ter, entre os sujeitos pesquisados, pessoas em situação de rua é que a pesquisa se volta para a obra *População de rua: quem é, como vive, como é vista* (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1992).

Ao investigarem pessoas em situação de rua, Vieira, Bezerra e Rosa (1992) explicam a importância do trabalho na vida dessas pessoas. Quanto menor o tempo de rua, mais a identidade dos sujeitos está ligada à sua atuação profissional, enquanto aqueles que já frequentam a rua há mais anos já admitem sua condição de rua. São pessoas cujas vidas as políticas públicas não dão conta de reestruturar, visto que é difícil contornar o preconceito, no mercado de trabalho, no que se refere à condição de rua. Ademais, quanto maior o tempo de rua, maiores as sequelas na saúde, o que também dificulta o retorno ao mercado de trabalho.

Por entender a importância do trabalho na vida das pessoas da classe trabalhadora, a pesquisa também se vale da obra *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*, de Karl Marx (1978) que discute a natureza da relação do ser humano com o trabalho e a importância do trabalho não alienado, que medeia a relação do ser humano com a natureza e gera satisfação e a sensação de contribuição à comunidade. Porém, no contexto capitalista, o que se tem é o trabalho alienado, em favor do enriquecimento do capitalista, tornando os sentidos do trabalhador embrutecidos, o que faz com que o ser humano haja no mundo de maneira também embrutecida, o que Marx opõe ao conceito de humanizado. A arte, nesse sentido, é um modo pensar a humanização do ser humano, pois a humanização dos sentidos tem a potência de reverberar em outras áreas da vida, o que vai ao encontro de uma sociedade, como um todo, mais humanizada.

Para dar cabo dos objetivos acima elencados, a investigação foi sistematizada em sua primeira fase, como estudo de caso. Nesse contexto, além de fazer observações, aplicou-se questionários com perguntas abertas aos frequentadores da Praça de Leitura de Blumenau/SC. Percebeu-se que o público da Praça é diverso, além de serem diversas também as razões pelas quais a frequentam, com considerável assiduidade, além disso, relacionam-se de formas positivas e negativas com o espaço e acervo da Praça.

Por perceber que o espaço é habitado por pessoas em situação de rua que se relacionam com os livros ali presentes, optou-se por trabalhar com esse público em específico, dentro do AMBLU. A segunda fase, portanto, trata-se de uma investigação-ação participativa (ANDERSON; HERR, 2016), tal parte da pesquisa tem três etapas: visitas iniciais ao AMBLU para observação, entrevistas com perguntas abertas com usuários interessados pelo literário e revitalização do espaço da biblioteca e, por fim, aplicação de cinco Oficinas Literárias. Tanto as entrevistas como as Oficinas foram gravadas em áudio para posterior análise.

A etapa um e dois respondem ao segundo objetivo específico, sob suporte das obras de Marx (1978) e Vieira, Bezerra e Rosa (1992), averiguou-se que o tempo de rua varia drasticamente, que a identidade de trabalhador é importante para esses sujeitos no início de seus anos de rua, diluindo-se aos poucos para dar lugar à identidade de pessoa em situação de rua. Ficou evidente a necessidade de expansão do acervo da biblioteca do Abrigo e a ausência da oferta de atividades artísticas aos usuários.

Por fim, no que tange à etapa três da pesquisa, as Oficinas Literárias foram aplicadas e, no momento, está-se iniciando a descrição e análise dos discursos ali gerados para, finalmente, responder ao objetivo final da investigação.

Na sequência apresenta-se a metodologia, a discussão dos dados e por fim as considerações desse percurso de pesquisa.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa se delinea como qualitativa, por ter as seguintes características: a fonte dos dados é o ambiente natural, é uma investigação descritiva, o foco recai sobre o processo, ao invés de somente sobre os resultados, os dados são analisados de maneira indutiva e a perspectiva dos participantes é levada em consideração (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A primeira fase da pesquisa se deu na Praça de Leitura de Blumenau/SC, por meio de um estudo de caso, cujos instrumentos de geração de dados foram observações e questionários – estes, suspensos por barbantes numa estrutura instalacional, dentro de 40 envelopes, na Praça –, junto a uma urna de papelão onde os respondentes poderiam depositá-los. A pesquisa se deu ao longo do mês de abril de 2021. As perguntas do questionário giraram em torno das motivações porque frequentam a Praça e sobre seus hábitos de leitura. Depois de dois dias, recolheu-se os dados da pesquisa.

A segunda fase, no Abrigo Municipal de Blumenau/SC, lar de em torno de 60 pessoas em situação de rua, trata-se de uma investigação-ação participativa (ANDERSON; HERR, 2016), pois a pesquisadora, além de adentrar no espaço do Abrigo, investiga junto e não sobre os usuários, de modo que as etapas da pesquisa tomaram forma como resultado desta interação.

Tal parte da pesquisa tem três etapas: duas visitas iniciais ao AMBLU para observação, nove entrevistas, ao longo de dois dias, com perguntas abertas, versando sobre arte, leitura literária e fruição estética, com usuários interessados pelo literário. Identificando problemas no acervo, ampliou-se a coleção por meio de uma campanha de doação e uma ação de revitalização do espaço com estudantes de um curso de Pedagogia da FURB. Por fim, foi realizada a aplicação de cinco Oficinas Literárias, que ocorreram semanalmente. As etapas um e dois ocorreram entre setembro e outubro de 2021 a etapa três se iniciou em dezembro e teve seu fim em abril de 2022. Tanto as entrevistas como as Oficinas tiveram o áudio gravado para posterior análise. Todo o processo também foi registrado por meio de fotografias.

Por fim, esclarece-se que a presente pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética, sob CAAE de número 48735421.6.0000.5370.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange aos dados gerados na Praça de Leitura de Blumenau/SC, por meio de observações, relatos e questionários, descobriu-se que alguns dos frequentadores zelam pela limpeza da Praça. Os dados também apontam que a Praça ainda é local de repouso e de uso de drogas por pessoas em situação de rua. Dos 40 questionários dispostos no local, seis foram devolvidos respondidos.

Tabela 1 – Questionário disponibilizado aos frequentadores da Praça de Leitura de Blumenau/SC.

QUESTIONÁRIO	
1. Qual a sua idade?	4. Qual o título do livro que mais te marcou? Você o encontrou aqui?
2. Com que frequência você visita este espaço?	5. Que tipos de livros você mais gosta de ler?
3. Por que você visita este espaço?	6. Por que ler é importante, na sua opinião?

Fonte: As autoras.

As idades informadas pelos respondentes variaram de 31 a 80 anos, nesta ordem (do Respondente 1 ao 6): 42, 34, 80, 48, 53 e 31. Logo, há uma grande variação de idade no que tange aos sujeitos desta fase da pesquisa, porém todos ou adultos, de meia-idade ou idosos, não havendo entre os respondentes, crianças, adolescentes ou jovem-adultos. Descobriu-se que a maioria dos frequentadores que se interessaram por responder ao questionário visitam a Praça com assiduidade, tendo apenas o Respondente 2 divergido em sua resposta, afirmando frequentar a Praça “raramente”.

Já a razão pela qual visitam a Praça é: para ler (Respondentes 1 e 6), para passar o tempo (Respondentes 2 e 3), por considerar a Praça interessante, motivadora (Respondente 4) e para organizar e ampliar o acervo (Respondente 5). A última resposta indica que a Praça é habitada (GAUDIN, 1996 apud PETIT, 2009), ou seja, pessoas se conectam ao espaço a ponto de nele interferirem positivamente. Além disso, dois dos respondentes frequentam a Praça considerando sua proposta original: ser um de espaço para leituras, tanto individuais como coletivas. Ainda, faz parte da proposta abrigar um acervo flutuante, o que quer dizer que se pode levar ou deixar obras livremente, com a ressalva de que não se trata de um espaço de “depósito” de livros didáticos e panfletos. Tais informações constam em uma placa que apresenta a Praça de Leitura ao visitante.

Os respondentes predominantemente têm por hábito a leitura de textos religiosos e textos que podem ser descritos como de não-ficção, científicos, de divulgação científica ou vinculados a diversas áreas do conhecimento científico, o que segue o perfil de leitura estabelecido pela 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020), em que predomina a Bíblia, textos religiosos e textos vinculados a História, Economia, Política, Filosofia ou Ciências Sociais, nesta ordem. Seguem as respostas: “Não me recordo ao certo, mas algo aprendendo com os animais” (Respondente 1), “E se eu fosse puta”<sup>4</sup> (Respondente 2), “O Alquimista” (Respondente 3), “histórias reais e fatos” (Respondente 4), “religiosos e assuntos gerais” (Respondente 5) e “Exu Tiriri, Exu Caveira, etc. e revistas Mundo Estranho e Super Inte[ressante]” (Respondente 6).

No que se refere aos interesses literários, obteve-se as respostas: “estou dando preferência para livros que não tenho costume” (Respondente 1), “Política, biografia, feminismo, história” (Respondente 2), “Piadas” (Respondente 3), “Todos” (Respondente 4) e “Fatos reais” (Respondente 5). As respostas, grosso modo, não fogem do já visto na pergunta

---

<sup>4</sup> “Como se eu fosse puta”, nas palavras do Respondete. Entretanto, por meio de pesquisa entendeu-se tratar-se da obra de Amara Moira.

anterior, mas se destaca a primeira delas, por tratar-se de um leitor que busca leituras diversas, o que é fundamental para se gerar leitores críticos e não consumidores, pois “a seleção tem de desafiar o leitor e desarmar seus desejos de consumo iniciais” (CECHINEL, 2020, p. 34).

Ainda referente à Praça, em observação pode-se conversar com frequentadores do espaço. Nesta etapa da primeira fase da pesquisa, percebeu-se que parte dos frequentadores são pessoas em situação de rua. A observação possibilitou identificar que a Praça é frequentada por pessoas diversas para uso de drogas lícitas e ilícitas, descansar, ler, socializar. Também é usada, por um dos frequentadores, este, com histórico de rua, como ponto de encontro com pessoas em situação de rua, a quem auxiliava, à época, no acesso a agasalhos.

A etapa um e dois respondem ao segundo objetivo específico, sob suporte das obras de Marx (1978) e Vieira, Bezerra e Rosa (1992), averiguou-se que o Abrigo Municipal de Blumenau/SC acolhe em torno de 60 pessoas, normalmente, adultos. O Abrigo serve de lugar de pernoite a trabalhadores sem residência, além de possuir uma equipe de profissionais de saúde e assistência social que acompanha tratamentos de saúde e dependência química, bem como auxiliam seus usuários desempregados a inserirem-se no mercado de trabalho, configurando, assim, em um lugar de residência transitória a pessoas acometidas por complicações financeiras e/ou de saúde.

A maioria dos usuários entrevistadas tinha em torno de 50 anos de idade, o tempo de rua varia drasticamente, tendo menos tempo de rua pessoas que passam por problemas financeiros momentâneos e mais tempo os que sofrem de problemas de saúde crônicos ou de dependência química, aceitando estes a identidade de “pessoa de rua” enquanto os primeiros a negam de maneira explícita, o que Vieira, Bezerra e Rosa (1992) também verificaram em seu estudo. Ficou evidente ainda, por meio das respostas e observações, a necessidade de expansão do acervo da biblioteca do Abrigo e a falta que faz a oferta de atividades artísticas aos usuários, que comentaram gostarem de se dedicar a elas no endereço antigo do Abrigo, visto que, no atual endereço, não são ofertadas quaisquer atividades dessa natureza.

Ainda, ficou claro em conversas com usuários no decorrer do percurso de pesquisa que uma grande parte das atividades ofertadas dentro do Abrigo são de cunho religioso, por meio de instituições que adentram o espaço para difundir suas doutrinas – objetivo principal das organizações, como pontuado por Vieira, Bezerra e Rosa (1992) –, oferecendo diversos tipos de auxílio e discursos motivacionais aos dependentes químicos.

Por meio das entrevistas, verificou-se que as preferências de leituras predominantemente citadas foram textos religiosos (entrevistados 1, 4, 5, 6 e 8) e textos

referente à área da História (entrevistados 1, 2, 7 e 9). Depois, há menções que se relacionam à literatura, à ficção: gibis e histórias em quadrinhos (Entrevistados 1 e 8), contos e histórias de ação (Entrevistado 3), histórias de telenovelas (Entrevistado 5), histórias românticas (Entrevistado 6), histórias de aventura (Entrevistado 7).

Evidencia-se, ainda, uma restrição no repertório leitor dos entrevistados tendo em vista o próprio acervo do Abrigo, visto que, em suas falas, algumas obras se repetiram: uma adaptação de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes (adaptação de Leonardo Chianca) e o exemplar *Vinhos da Espanha*, de Luís Manel Barba, volume da coleção “Curso de vinho”, da Editora Folio, ambos presentes nas respostas dos entrevistados 8 e 9). É interessante notar que a maioria dos entrevistados se utilizou de termos que remetem à ficção, com exceção do Entrevistado 2, que, em momento algum demonstrou contato ou interesse pelo ficcional/literário e, apesar disso, curiosamente, aceitou fazer parte da entrevista.

Ainda, ao longo das entrevistas, mesmo não havendo pergunta que sobre ele versasse, o trabalho apareceu nos discursos dos entrevistados 1, 2, 4, 5 e 9, de modo que a análise que aqui se faz não pode ignorar tais dados. Os Entrevistados 1, 2, 5 falaram de suas atividades laborais junto a um sentimento de orgulho, satisfação, como parte de suas identidades, como também constatam Vieira, Bezerra e Rosa (1992). Em tais discursos, evidencia-se uma relação não-alienada (MARX, 1978) com o trabalho.

Mas, por outro lado, no que concerne ao trabalho, o Entrevistado 9 propagandeia a fala de seus superiores na empresa em que trabalhara:

*“[...] e ele [chefe] disse: ‘infelizmente eu vou ter que demitir o senhor, mas você é um bom funcionário você me dá produção, trabalha, você é pontual você é educado’ [...].”*

Aqui, fica evidente uma relação alienante para com o trabalho, visto que o que lhe causa orgulho não é o produto de seu labor, mas a boa opinião dos seus superiores em relação à sua disciplina.

Por fim, o Entrevistado 4, traz aflição em sua fala no que concerne à inserção no mercado de trabalho:

*“[...] a pessoa está aqui dentro, sai lá fora para procurar um emprego [...] e aí pedem o telefone e a gente dá aqui, liga[m] para cá, AMBLU, e os caras começam a tratar a gente tudo ruim. Ladrão, maconheiro. isso já aconteceu comigo.”*

Nesse sentido, pode-se constatar que as ações desta pesquisa, além de desvelar a precariedade e a demanda do contato com bens culturais pelos usuários do Abrigo, fazem-se pertinentes a esses sujeitos por possibilitar, por meio de Oficinas Literárias, uma aproximação com a arte literária e com toda a gama de possibilidades que carrega consigo, discutidas por meio do suporte teórico deste artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, evidencia-se que público da Praça de Leitura de Blumenau/SC é diverso, relaciona-se com ela de várias formas, seja interagindo com seu acervo, seja com seu espaço, limpando-o, sujando-o ou ainda usando-o para consumo de drogas. Mas que, no geral, o espaço é necessário tendo em vista sua proposta de democratização do acesso à literatura. São leitores de textos religiosos e de divulgação científica, mas mostram interesse em outros tipos de leitura, um deles se destacando por buscar se desafiar com leituras diversas e, outro, mencionando temas como “feminismo”. Pode-se depreender disso que, mesmo que exista lugares comuns, como as leituras religiosas, encontrou-se leitores que buscam criticidade em seu pensamento.

Para além disso, a falta de abrigo adequado acaba por fazer da Praça cenário para uso de drogas, o que pode afastar alguns potenciais frequentadores. Entende-se ser um espaço público, de modo que está aberto a todos os cidadãos, tenho eles moradia fixa ou não. Tendo em vista que o Abrigo Municipal de Blumenau tem vagas limitadas e só acolhe àqueles que se submetem a tratamentos para dependência química, muitos ficam desabrigados. Por outro lado, por se mostrar um espaço habitado por um público diverso, a Praça pode ser cenário para intervenções pedagógicas, como mediações literárias, valendo-se do acervo e do interesse dos frequentadores para criar possibilidades de estreitamento de relações com o literário.

No que se refere às observações e entrevistas com os usuários do Abrigo Municipal de Blumenau, percebeu-se que as pessoas que têm pouco tempo de rua rejeitam a identidade de pessoas em situação de rua enquanto as que a habitam por mais tempo, assumem-na, algo relevante para se compreender como esses sujeitos se enxergam, o que pode auxiliar no melhor entendimento da população em situação de rua até orientar políticas públicas mais efetivas.

Ainda, os textos religiosos aparecem muito no discurso dos sujeitos entrevistados, tanto quando se remetem ao que leem quanto ao que já leram. Enxerga-se, aqui, uma lacuna nas vivências culturais dessa população, tão fundamental e promotora de tantas transformações positivas tanto na subjetividade (PETIT, 2009; VIGOTSKI, 2003) quanto na realidade material dos sujeitos (FISCHER, 1977), sendo potente promotora, nesse sentido, de emancipação e clareza em relação ao mundo e à realidade que os cerca.

Concluiu-se que, para expandir a experiência artístico-cultural dos usuários, precisa-se divergir daquilo que eles já têm contato no Abrigo, pois é do estranhamento que vêm novas



reflexões (CECHINEL, 2020), que o acervo da biblioteca precisa ser ampliado, o que ocorreu, por meio de uma campanha de arrecadação de livros literários, e que essa população carece de atividades artísticas, o que foi promovido por meio das Oficinas Literárias, etapa final desta pesquisa de mestrado, o que, evidentemente, não sana a problemática aqui apontada, mas mostra como a pesquisa será capaz de trazer benefícios a esta população.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, G. L. HERR, K. O docente-pesquisador: a investigação-ação como uma forma válida de geração de conhecimentos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 2 n. 1 – p. 4-24 fev – mai 2016.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.
- CECHINEL, A. **Literatura, ensino e formação em tempos de Teoria**: (com “T” maiúsculo). Curitiba: Appris, 2020.
- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Tradução Leandro Konder. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- PEIXOTO, M. I. H. **Arte e grande público**: a distância a ser extinta. Campinas: Autores Associados, 2003.
- PETIT, M. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- VÁZQUEZ, A. S. **As idéias estéticas de Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- VIEIRA, M. A. da C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.